

**TEORIAS SEXUAIS INFANTIS: UMA REFLEXÃO SOBRE O
CORPOLINGUAGEM**

Nina Virgínia de Araújo Leite

RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo explorar as articulações entre as teorias sexuais infantis e a estruturação da fantasia (fantasma) fundamental, percorrendo os principais textos freudianos sobre o tema. Propõe estudar o momento específico em que a criança se lança na urgência de construir uma teoria sexual, considerando os efeitos da linguagem sobre o real do organismo pela presença das moções pulsionais e avança a hipótese de determinação de tais teorias pelas chamadas fantasias originárias.

PALAVRAS-CHAVE

Teoria sexual infantil; Corpolingagem; Fantasias da origem

**CHILDREN'S SEXUAL THEORIES: A REFLECTION UPON
BODYLANGUAGE****ABSTRACT**

The present paper aims at exploring the possible relationships between the sexual infantile theories and the structural process that constitutes fundamental fantasy (phantasme), studying the most important freudian papers on this issue. It proposes to reflect on the specific moment in which the child is urged to construct his sexual theory, taking into consideration specifically the language effects on the organism through the presence of drives. It also advances the hypothesis of a strict determination of the infantile sexual theories by the so called originary fantasies.

KEYWORDS

Child sexual theory; Bodylanguage; Originary fantasies

O objetivo principal deste texto é refletir sobre a relação entre as teorias sexuais infantis e a montagem da fantasia fundamental visando ao esclarecimento do estatuto do corporeidade. Seria a fantasia um produto recalcado das teorias sexuais infantis? Se a resposta for negativa, que relação poderíamos sustentar entre a produção pela criança de teorias que visam à construção de um saber sobre o gozo sexual e a conjugação do sujeito barrado com o objeto na fantasia, ponto de sustentação do desejo? Na realidade, estamos, de um lado, perguntando-nos sobre a diferença entre **teoria** e **fantasia** (ou fantasma); e, de outro, referindo-nos à passagem que está implicada nas tentativas infantis de saber sobre o **gozo** sexual para o exercício do **desejo**.

Essas perguntas nos conduzem a um estudo do conceito de **fantasia** (fantasma) na psicanálise e forçam-nos a uma exploração das conseqüências dos diferentes destinos que são dados às investigações infantis. É evidente que aqui apenas esboçamos um percurso possível para esse estudo. É também necessário indicar que essa pergunta exige que se tenha certa clareza quanto ao estatuto do corpo na e para a psicanálise; estatuto que não é nem simples e nem unívoco, pois implicaria abordar as modalidades de subjetivação correlatas às diferentes formas de incidência do corpo: ao corpo no real corresponde freudianamente uma concepção de eu diferente, por exemplo, do corpo do espelho, etc. Basta lembrarmos que, em relação à questão que as teorias sexuais infantis visam responder – sobre a sexuação e a reprodução –, o sujeito dividido, efeito da articulação significante, não tem sexo, assim como o fantasma, uma vez que não há inscrição da diferença sexual no inconsciente. Lembremos que o corpo que já está constituído no momento em que a criança entra no período de produção das teorias sexuais infantis e, sendo um corpo estruturado no estágio do espelho, caracteriza-se justamente pelo desconhecimento dos genitais. Assim, será necessário recorrer a uma outra modalidade de presença do corpo, que por sua vez implicará uma outra forma de manifestação subjetiva, para que possamos apreender o alcance do que está em jogo na produção das teorias sexuais infantis que têm nas pulsões justamente o seu fragmento de verdade. Indiquemos apenas que o corpo autoerótico, o corpo narcísico e o corpo do narcisismo secundário implicam diferentes modalidades de presença subjetiva. Para Freud, a noção de corpo se sustenta na sua articulação com o

psiquismo, daí a necessidade de incluirmos um estudo sobre o corporinguagem para uma abordagem das teorias sexuais infantis em sua relação com a fantasia.

Por que Freud atribui o estatuto de “teorias” às investigações da criança? Para abordar essa questão será necessário observar dois pontos: a) no caso do pequeno Hans (1909), posterior ao texto em que tematiza as “teorias sexuais infantis”, que é de 1908, Freud se utiliza tanto do termo “teoria” quanto do termo “fantasia” para se referir às produções que o menino apresenta para dar conta do enigma da origem dos bebês. A partir daí podemos supor uma necessidade lógica para que Freud realize essa distinção; b) embora Freud não tenha feito do desejo de saber um conceito (é Lacan que o fará), observamos em vários textos freudianos três termos para designar uma relação com o saber, (seguindo apresentação de Lemérier (2000):

Wissendrang: podemos destacar aqui a presença de *Drang* (um dos elementos da pulsão), que é traduzida para o português como **força**, no sentido de “empuxo para”. Sabemos que Freud desconsidera algo como um empuxo inato para o saber ou para a pesquisa, uma vez que ele vai afirmar, em 1908, que é a *Lebensnot* (urgência da vida) que conduz à *Wissendrang*. Ele também observa que não são interesses de ordem **teórica** que lançam a criança em sua atividade de pesquisa, mas sim interesses de ordem **prática**. Mas o que seria essa urgência da vida?

É em um momento bastante específico da estruturação subjetiva – entre 3 e 4 anos – que a criança será levada a construir respostas para a questão-enigma “de onde vêm os bebês?”. Questão que não é fortuita. Aliás, em 1915, no capítulo intitulado “A investigação sexual infantil”, inserido nos “Três ensaios de teoria sexual”, afirma que “em uma desfiguração que é fácil de desfazer é esse mesmo enigma que propunha a Esfinge de Tebas” (FREUD, 1988b, p.177) (importante porque permite tomar as teorias sexuais infantis e o Édipo como versões de um mito, o que Lacan fará no seminário IV). Voltarei a esse ponto mais tarde.

O empuxo para as atividades investigativas da criança é determinado pela chegada, real ou pressentida, de um irmão, e o conseqüente temor pela perda dos cuidados dispensados pelos pais: identificamos aqui a “urgência da vida” que nos impõe, então, pensar a iniciativa da criança como um momento estrutural da subjetividade e não como um

fato contingente, uma vez que a criança necessariamente vai se deparar com a possibilidade de um irmão. Lemérier (op.cit.) faz a hipótese de que esse acontecimento estruturalmente determinado vem problematizar para a criança a questão de sua própria existência no momento em que, começando a falar em primeira pessoa, ela se vê confrontada ao desejo do Outro: o que queres de mim, para além do que me demandas? De que desejo eu nasci?

Entretanto, também podemos argumentar no sentido de sublinhar o caráter estrutural do acontecimento partindo da consideração, para além do fato específico da possibilidade de outro que lhe tome o lugar; do inevitável encontro que a criança terá com o enigmático do desejo da mãe, quando este é atravessado pela sua condição de mulher do pai. De qualquer modo, o fica evidenciado que a necessidade e a urgência que precipitam a criança em atividades de pesquisa e investigação fundamentam-se no que ela pressente sobre o valor do falo na questão-enigma: seja porque a mãe deseja um filho (que para ela é revestido de valor fálico) ou porque a criança, na condição de objeto (investido fálidamente), já se deparou com a insuficiência de sua condição com relação ao desejo que mobiliza a mãe, e que aponta para o lugar do pai.

É importante considerar esse aspecto porque Freud enfatiza que o fato de a criança estar nesse momento em plena fase fálica de uma organização genital da sexualidade (lembramos que nessa fase a oposição “masculino x feminino” é traduzida pela presença ou ausência do falo, ou seja, trata-se da oposição: genital masculino ou castrado) significa que ela está particularmente preocupada com o seu próprio órgão sexual que, no momento, constitui o lugar privilegiado do auto-erotismo. O que se passa no seu próprio corpo é para ela fonte importante de preocupação. Com isso estamos retomando a afirmação freudiana de que a criança pressente que o seu órgão tem a ver com a questão urgente que a vida lhe impõe resolver.

Outro ponto a ser considerado com relação à importância atribuída ao órgão sexual na fase fálica é o fato concernente à satisfação que a masturbação pode propiciar à criança. Sabemos que a satisfação para o falante depende dos efeitos de sua entrada no campo da linguagem, isto é, sabemos que a satisfação depende da elaboração de um suporte fantasmático. A partir da tomada do organismo nas malhas do significante, verifica-se um esvaziamento do gozo do corpo; o corpo é um deserto de gozo, ou o gozo se dá fora do

corpo, ou como diz Bergés, “o corpo é o próprio teatro do desconhecimento” (BERGÉS, 2001, p.18).

Mas, por que o corpo seria esse monumento, ou teatro, de desconhecimento? Por que o saber sobre a origem reveste-se, para o sujeito falante, com o véu da impossibilidade? Por que se coloca para a criança a urgência de produzir uma teoria sobre a sua origem? Freud afirma que é o corpo erotizado, o corpo pulsional, que impele a criança a construir teorias. Mas, se é obrigada a produzir sentido sobre a origem, e se esse impulso provém do corpo (melhor ainda, dos orifícios do corpo) então temos que admitir a existência de uma operação logicamente anterior, que esvazia de sentido o corpo; ou seja, uma operação que destitui o corpo de seu sentido de origem. Que sentido seria esse senão o de ser o objeto do desejo materno? Realizando o gesto de expulsão ou de recusa da significação fálica, como condição primeira para sobreviver, o sujeito é lançado em um exílio do corpo. Se essa recusa é condição necessária para o surgimento do sujeito, ainda assim não será suficiente, uma vez que por si só impõe-lhe a necessidade de referir-se a um lugar no Outro simbólico. Podemos então afirmar, com Pommier (2004) que, recusando-se a identificar-se com o falo inexistente materno, a criança perde assim o seu sentido de origem; desse modo, entendemos por que o corpo é um monumento de desconhecimento. O sujeito, em exílio do corpo, ficará ligado ao Outro pelo que do seu corpo cai, como resto a ele ofertado.

É o fantasma/fantasia que, servindo de suporte ao desejo, dá significação às manifestações corporais. Assim, a satisfação que advém da atividade física apenas é insuficiente, a menos que esteja sustentada pelo fantasma/fantasia. Portanto, a satisfação depende essencialmente de uma articulação de saber, e é aí que podemos encontrar uma relação com as teorias sexuais infantis.

Como indica Lemérier (2000), Freud afirma que o onanismo infantil é por sua natureza insatisfatório: a ele falta sempre alguma coisa para que a descarga e a satisfação sejam completas. Se for assim, então podemos concluir que o próprio exercício da atividade masturbatória que vigora na infância colabora para confrontar a criança com um impasse que funciona como mola propulsora de acontecimentos psíquicos importantes. O que vemos se delinear como problemático para a criança é poder apreender a especificidade da genitalidade em relação à libido.

Se a sexualidade é freudianamente pensada como a libidinização do corpo na relação com o outro, coloca-se para o sujeito a questão quanto à participação específica do genital nesse corpo libidinal. E para a criança, coloca-se especialmente a participação desse órgão (o único que ela conhece) no problema que ela tem que resolver. Tem que resolver porque se trata de uma urgência da qual depende a sua vida, o seu lugar no Outro. Assim, entendemos que as teorias que a criança elabora visam fundamentalmente a prevenir a vinda de um acontecimento que lhe roubaria o lugar junto ao Outro. Portanto, não podemos deixar de sublinhar aqui o fato de que toda estruturação subjetiva se dá por defesa.

Que a masturbação deixe a criança frente a uma insatisfação, quer pelo estado de incompetência orgânica advinda de uma imaturação que apenas a puberdade resolverá, quer porque a satisfação sexual exige um suporte fantasmático que faz o gozo apto ao desejo, revela o caráter de culpabilidade inextricavelmente associado às práticas masturbatórias: como Lacan adverte, tal culpabilidade está associada à lembrança do gozo não alcançado com o serviço prestado ao órgão. O gozo almejado e não obtido traduz-se como falta cometida, resultado do que o sujeito investiu no órgão sem obter satisfação. Há uma dívida com relação ao gozo almejado e que será significada pela via da culpabilidade.

Para concluir esse comentário sobre a *Wissendrang*, e seguindo de perto o texto de Lemérier, podemos dizer que é no momento específico em que a criança é confrontada com o enigma do desejo do Outro e com o insaciável de seu órgão sexual que a questão da sexualidade vem suscitar um empuxo para o saber.

Wissentrieb – a pulsão de saber. Sabemos que Lacan não sustentará a hipótese freudiana de uma pulsão de saber. Para Freud, o que seria essa pulsão? Como toda busca, como qualquer investigação, a pulsão de saber se origina para Freud da urgência da vida. Importa salientar que, para o autor, essa pulsão para a pesquisa não é um componente da pulsão sexual como o são as pulsões: oral, anal e escópica; mas essas, especialmente a escópica, serão colocadas a serviço da pulsão de saber. Lembro aqui a íntima relação entre o domínio do escópico e o que está em jogo no termo teoria - teoria vem do grego *theorew* e implica a posição de um sujeito espectador de uma cena: na experiência inaugural do desejo, descrita por Santo Agostinho, é como excluído de sua posição junto ao Outro

materno, posição agora ocupada pelo irmão lactente, que a criança, como espectador da cena, poderá se lançar na tarefa de produzir teoria.

Quanto à relação entre a pulsão de saber e a sexualidade, Freud é bastante enfático ao afirmar que “a psicanálise nos ensinou que a pulsão de saber das crianças é despertada com uma precocidade insuspeita e com uma intensidade inesperada pelos problemas sexuais, até mesmo que ela não pode ser despertada senão por eles” (FREUD, 1988b, p.177). O que fica indicado aqui é que Freud reserva à pulsão de saber um estatuto diferenciado que ela adquire tão logo se desprenda da incitação primeira da *Lebensnot* e continue a trabalhar como pulsão de pesquisa independente. Assim, fica demonstrado que a ligação entre sexualidade e saber é, além de íntima, complexa; embora se constitua na sua origem para dar conta do que é o gozo sexual suposto e traga como fragmento de verdade a cartografia que as pulsões desenham no corpo, a pulsão de saber não estará subordinada exclusivamente à sexualidade. Em todo caso, os “Três Ensaio de teoria sexual” constituem a demonstração escandalosa de que a teoria é sexual.

No texto “Uma lembrança de infância de Leonardo da Vinci” (1910), Freud utiliza outro termo para se referir ao empuxo para o saber: *Wissbegierde*. Tal termo recebeu diversas traduções: “avidez de saber”, “curiosidade” e “desejo de saber”, que sabemos vai aparecer no final do ensino de Lacan, especialmente articulado com o que está em jogo quanto ao desejo do analista; Lemérier (2000) afirma que, para Lacan, “desejo de saber” é um nome do desejo de analista. Embora essa questão não nos ocupe no momento, cumpre esclarecer que o desejo de saber que tem operatividade na cura analítica (e que é outro nome do desejo do analista) necessita ser diferenciado tanto do amor ao saber (transferência) e seu correlato de horror, ao qual o Sujeito Suposto Saber faz tela, quanto de sua incidência no campo da pesquisa científica. Lacan afirma que na ciência não é do desejo de saber que se trata. A ciência nada quer saber do ponto de colisão da verdade com o saber; a ciência foraclui a castração. Lacan então traduz a *Wissbegierde* freudiana por “desejo de saber”, especialmente nos seminários de 65 a 69, nos quais reflete sobre a articulação originária entre a sexualidade e o saber.

Sabemos que o que Freud designa *pulsão de saber* refere-se especificamente às tentativas que a criança faz para responder aos enigmas da origem dos bebês, da procriação

e da sexualidade. Portanto, o que está em questão para a criança como enigma é, nesse momento do predomínio de uma organização genital da sexualidade, integrar o propriamente genital no campo das pulsões parciais. Evidentemente a criança só pode se colocar na posição de propor respostas para esses enigmas a partir de uma suposição que o Outro faz de que ela poderia responder algo sobre Isso que o causa, a ele Outro, quanto a seu desejo, desejo que implicou o filho. A consequência dessa condição que é determinada pelo que ocorre no campo do Outro é que não basta que a mãe suponha no filho um sujeito, mas é absolutamente necessário que ela também lhe atribua um Outro. Por que essa condição é fundamental?

Sabemos que a possibilidade de a criança se constituir como sujeito do desejo está na dependência da posição da mãe – de ela ser atravessada por sua condição de mulher junto a um homem; portanto, de uma posição em que se deixa dividir, pelo filho, entre mãe e mulher. É apenas da condição de não-toda submetida ao Falo (simbólico) que a mulher pode fazer vigorar a insuficiência do falo (imaginário) como resposta ao desejo e, então, construir a possibilidade de que o filho não se fixe em uma posição de identificação ao falo. Aliás, ela realiza isso fazendo vigorar a inadequação radical do objeto pulsional como equivalente do falo. Se a operação materna se limita a apenas supor no filho um sujeito, condição certamente necessária, isso por si só não basta, uma vez que no limite isso implica que ela terá as respostas para o que ele sente, precisa, pensa ou deve desejar. Quando o filho é tomado, enquanto revestido de valor fálico, como o equivalente do objeto pequeno *a* do fantasma materno, consequências importantes advêm quanto à possibilidade de estruturação do sujeito. O que estou então enfatizando é que a condição para que a operação materna não enclausure a criança em uma significação fixada, e com isto a impeça de colocar-se questões e buscar respostas, fundamenta-se na possibilidade de que a mãe não se engane quanto ao que lhe propõe o seu fantasma, isto é, tomar o objeto pulsional como equivalente do falo. Sabemos que é necessariamente com o valor de $(-\phi)$ que o objeto da pulsão entra na montagem do fantasma. Assim, se a mãe se deixa enganar e toma o filho (que é um substituo do falo) no lugar do objeto de seu fantasma, temos as condições para que se verifique um obstáculo à estruturação subjetiva.

Retornemos à questão que fazíamos sobre a razão de Freud ter insistido em atribuir o estatuto de teoria às produções da criança. No texto sobre as teorias sexuais infantis Freud argumenta que elas devem ser chamadas de teorias porque são análogas às elaborações teóricas dos adultos. Uma vertente para compreendermos essa afirmação seria explorar a posição do sujeito na construção da teoria, fazendo valer a importância do escópico e da possibilidade do sujeito poder se representar como espectador de uma cena.

Outra vertente é sugerida por Lemérier no texto “Desejo de saber?” (2000), do qual extraio os argumentos mais importantes para esta discussão, diz respeito à ênfase dada pela autora ao fato de que as produções infantis têm o caráter de invenção de saber, em tudo análogas às produções dos adultos; e ao destaque da indicação de Freud de que a criança precisa sustentar o Outro parental como supostamente sabendo sobre o sexual e, ao mesmo tempo, desqualificá-lo como fonte verídica de informações, para que então se encarregue de elaborar respostas, buscando-as em outro lugar que não as opiniões dos adultos. E Freud indica que as teorias sexuais não são determinadas pelo arbitrário de uma decisão psíquica. Ou seja, encontram sua determinação justamente na pulsão sexual.

Como compreender esse ponto comum entre as produções infantis e as teorias dos adultos, ponto que independe do arbitrário de uma decisão psíquica, senão ao tomarmos ambas como invenções de saber, causadas pelo real? É de outro lugar que não o campo das decisões psíquicas que se erige um saber do real. O que há em comum entre as teorias sexuais infantis e a hipótese freudiana de uma pulsão de morte senão o fato de serem absolutamente determinadas pelo real e em nada dependerem de uma escolha subjetiva? Lembremos o que Freud diz a Pfister quanto a essa invenção:

Não se trata de modo algum de aceitar o que seja mais agradável ou mais cômodo e vantajoso para a vida, e sim o que mais se aproxima da enigmática realidade que existe fora de nós. A pulsão de morte não me é um anseio do coração, ela surge somente como uma hipótese inevitável a partir de razões biológicas e psicológicas (FREUD, 1998, p.176).

Para encontrar um saber sobre o sexual, a criança vai se fundamentar justamente no lugar-tenente da sexualidade que é a pulsão. No ponto de encontro da verdade com o saber, ponto de castração, a criança erige um saber sobre o sexual que é pura subjetivação da pulsão. Assim Freud demonstra até que ponto de intimidade o saber e o pulsional estão

intricados. O desejo colocado em jogo nas investigações da criança é um desejo sexual de saber; a fonte (questão) do saber é o enigma da sexualidade e a resposta é dada pela via das pulsões parciais. Conforme afirma Lemérier (2000), é porque a sexualidade entra em jogo primeiro pelo viés do desejo sexual que o desejo de que se trata na dinâmica freudiana é o desejo sexual¹. Para Lacan, esse lugar é o ponto de encontro da verdade e do saber; daí se poder dizer: desejo de saber do sexual e desejo sexual de saber.

É importante ressaltar que no caminho da construção das teorias a criança terá que enfrentar um conflito importante entre as exigências do desejo de saber e os ideais egóicos que no Outro decidem pela aprovação de suas pesquisas. O saber inventado não conta com a aprovação do Outro. O que sucede então com as invenções da criança?

Freud identifica três destinos possíveis, que apresento resumidamente:

a) Inibição: em que a investigação compartilha o destino da sexualidade. A pulsão de saber ficará inibida e o exercício livre da inteligência ficará limitado. Esse é o caso da inibição neurótica;

b) Compulsão: em que a atividade intelectual escapa ao recalçamento, mas permanece secretamente ligada à busca do gozo que foi o objetivo das primeiras investigações. A pesquisa intelectual estará fadada a repetir o insucesso da primeira experiência: ela se perderá nas ruminações infinitas acompanhadas do sentimento que a solução que se busca se afasta sempre mais;

c) Sublimação: o mais raro, que escapa à inibição do pensamento e à compulsão para pensar. Permite que a pesquisa intelectual não repita o fracasso das primeiras experiências porque ela se desvia de seu fim sexual.

Nos três casos a busca pelo saber é marcada pelo fato estrutural do recalçamento da sexualidade infantil. Como diz Lemérier, o saber do sexual, que foi objeto da investigação infantil, permanece nas três situações como um saber interdito, uma vez que será mantida a suposição de que um sujeito poderia gozar desse saber. Assim, o impossível do saber sobre o gozo sexual é significado como saber interdito justamente porque esse furo no saber é encobrimento do gozo.

¹ Tradução livre.

Lacan, no seminário IV, ao retomar o caso do pequeno Hans, faz uma importante observação: “não há nada preestabelecido, ordenado antecipadamente na ordem imaginária, que permita ao sujeito assumir o fato com que é confrontado de maneira aguda em dois ou três momentos de seu desenvolvimento infantil, a saber, o fenômeno do crescimento” (LACAN, 1995). Toda a proliferação mítica que a fobia de Hans promove, afirma Lacan, revela “a complexidade do fenômeno em jogo quando se trata, para a criança, de integrar o real de sua genitalidade, e sublinha o caráter fundamentalmente simbólico desse momento de passagem”.

Recorto essa observação porque quero enfatizar a importância das teorias sexuais infantis primeiro como um momento de passagem e, fundamentalmente, como parte do que Lacan denomina fomentação mítica na qual destaca a função primordial do significante. Cito:

o que chamo de fomentação mítica são os diferentes elementos significantes dos quais lhes mostrei a ambigüidade e o quanto são feitos para poder recobrir aproximadamente qualquer significado, mas não todos os significados ao mesmo tempo [...] a constelação significante opera mediante o que podemos chamar de um sistema de transformações, isto é, um movimento giratório que, se examinarmos mais de perto, cobre a cada instante o significado de uma maneira diferente e, ao mesmo tempo, parece exercer sobre este uma ação profundamente remanejadora. (LACAN, 1995, p.310).

Lacan trata as teorias sexuais infantis como produções marcadas por seu caráter mítico e analisa a produção e desenvolvimento da fobia de Hans atribuindo-lhes esse estatuto. Vimos que Freud toma o enigma da esfinge como uma produção deslocada do problema que a criança se coloca sobre a origem dos bebês. Isso nos autoriza a dar às teorias sexuais infantis o mesmo tratamento estrutural que Lacan dará ao Édipo enquanto mito/complexo organizador da subjetividade. E com isto podemos reformular a questão sobre a relação entre as teorias sexuais infantis e a fantasia/fantasma, uma vez que é no bojo de uma condicionalidade estrutural que deveremos interpretá-la. Para tanto seria necessário aproximar as teorias sexuais infantis das fantasias nomeadas por Freud de originárias (*Urphantasiën*) uma vez que em seu tema (cena primitiva, castração, sedução...) elas se reportam às origens. É neste ponto que penso ser possível uma aproximação das teorias sexuais infantis com a fantasia/fantasma, pois, à semelhança dos mitos, elas visam a fornecer uma solução para os enigmas que afligem o pequeno sujeito. Nesse sentido,

podemos afirmar que as fantasias originárias constituem a estrutura que condiciona a produção das teorias sexuais infantis enquanto o fantasma implica a história singular do sujeito pelo caráter de contingência do objeto.

REFERÊNCIAS

BERGÈS, J.; BALBO, G. **A atualidade das teorias sexuais infantis**. Tradução Francisco Franke Settineri, Porto Alegre: CMC Editora, 2001.

FREUD, E. L.; MENG, H. (Org.). **Cartas entre Freud e Pfister (1909-1939)**. Tradução Karin Hellen Kepler Wondracek e Ditmar Junge, Viçosa: Ultimato, 1998.

FREUD, S. Análisis de la fobia de um niño de cinco años (1909) In: **Obras Completas** de Sigmundo Freud. Buenos Aires: Amorrortu, 1988a. v. 10.

_____. Três ensayos de la teoría sexual. In: **Obras Completas** de Sigmund Freud, Buenos Aires: Amorrortu, 1988b, [1905], v. 7.

_____. Sobre las teorías sexuales infantiles In: **Obras Completas** de Sigmund Freud, Buenos Aires: Amorrortu, 1988c, [1908], v. 9.

_____. Um recuerdo infantil de Leonardo da Vinci. In: **Obras Completas** de Sigmund Freud. Buenos Aires: Amorrortu, 1988d, [1910], v. 11.

LACAN, J. **O seminário – livro IV – as relações de objeto**. Trad. Dulce Duque Estrada, Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1995, p. 203-274.

LEMÉRER, B. Désir de savoir?, **Essaim**, Ramonville Saint-Agne: Érès, n. 6, p. 21-34, 2000.

POMMIER, G. **Qu'est-ce que le "réel"?** Ramonville Saint-Agne: Érès, 2004, p.16.

DOSSIÊ

Cuerpo, Lenguaje y Enseñanza

Área Temática: Diferenças e Subjetividades em Educação

NINA VIRGINIA DE ARAÚJO LEITE

Psicanalista, professora associada do Instituto de Estudos da Linguagem
– IEL da UNICAMP e coordenadora do Grupo SEMASOMa do mesmo
Instituto; membro fundadora da Escola de Psicanálise de Campinas.

E-mail: nleite@iel.unicamp.br

Aceito em: 21/06/2007
Publicado em: 23/07/2007